



Mesa redonda: Imaginário, poder e violência

“Elites discriminadas”: a vivência dual do privilégio e da dominação

Conceição Nogueira (Universidade do Minho)

Apesar das mudanças na condição das mulheres, devidas essencialmente ao acesso massivo à educação em Portugal pós revolução do 25 de Abril de 1974, assiste-se hoje à vivência de uma situação contraditória. Se por um lado as mulheres são no presente a maioria no ensino superior, elas estão fracamente representadas nos níveis mais elevados de estatuto nas diferentes profissões e na esfera do poder. É neste quadro que se invoca o conceito de “elites discriminadas” (Garcia de León, 1994), para explicar a situação das mulheres que acederam a posições de elevado prestígio profissional (ex. professoras universitárias) e sofrem um duplo constrangimento: se, por um lado, estão separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo e estigmatizante (a “condição feminina”), por outro, estão também separadas das outras mulheres, pelas diferenças económicas e culturais. Nesta comunicação abordaremos a vivência da violência psicológica provocada por esta discriminação enfatizando por isso a importância da perspectiva interseccional no feminismo contemporâneo.

Guerras, traumas e memórias, em travessias femininas

Laura Cavalcante Padilha (UFF)

Os textos memorialísticos Diário de um exílio sem regresso e Cartas de Langidila, de Deolinda Rodrigues, serão postos em diálogo com algumas crônicas literárias de O sangue da buganvília e de A cabeça de Salomé, de Paula Tavares. Tal diálogo servirá de base para uma discussão sobre a guerra, os traumas por ela causados e as memórias geradas em textos literários, ou não, que resgatam o “rosto feminino” dessa guerra, no qual as marcas da violência, da devastação e da crueldade se apresentam em toda a sua dimensão trágica. Por outro lado, a discussão também privilegiará o resgate do cotidiano que essas narrativas de mulheres, sobre a guerra, acabam por propiciar.

Myra, de Maria Velho da Costa: da rasura da identidade à violência indizível

Ana Gabriela Macedo (Universidade do Minho, Portugal)

“_ Ekatarina, Catarina, Kate. Éo nome que me dás, é assim que eu me chamo.”

O mais recente romance de Maria Velho da Costa, uma das celebradas “Três Marias”, co-autora das *Novas Cartas Portuguesas* (1973) que despidoradamente exibiram perante um país ainda sofrendo o pesado legado salazarista de uma realidade social, política e patriarcal até aí cautelosamente silenciada, é uma narrativa a vários títulos inquietante, que se constitui como uma severa denúncia de um mundo pós-industrial em que os paradigmas de identidade, cultura, género e raça se cruzam, se questionam mutuamente e nos questionam enquanto leitores, de um modo urgente e inequívoco.

Trata-se de um romance (o qual acaba de ganhar um importante Prémio no panorama nacional), que escapa a categorizações de género ou tipificações tais como pós-moderno, pós-colonial ou pós-feminista, já que não se insere facilmente em nenhuma delas, para as incluir a todas de modo perturbador. Dir-se-á que assume a dimensão de uma poderosa alegoria narrativa que meticulosamente desconstrói numa alucinante sequência de



cenar ou encenações visuais e dramáticas um quotidiano aberrante de seres à beira do colapso identitário, cultural, afectivo. Uma narrativa de fronteira liminar entre o poético, o visual e o fílmico, ensaiando um jogo permanente entre a palavra e o silêncio, a verdade e a máscara, ficcional ou não, o dizível e o indizível. Esta sua característica de retórica fronteira entre um longo solilóquio da dor humana, ou guião fílmico, ou ainda motivo de composição pictórica (veja-se a profusa ilustração do texto com desenhos de Ilda David), tornam-na numa obra singular.

A autora chama a este seu texto *romance*, que é na realidade um termo que se adequa à sua genealogia enquanto relato de viagem (também interior), livro de aventuras, teia romanesca. A estranheza do título em português, *Myra*, apela ao distanciamento implícito e a um olhar redobradamente atento sobre o género do/a protagonista, assinalando aqui desde logo um dos temas centrais do romance. Gabriel Orlando ou antes, *Rolando*, e um cão chamado Rambo, or antes, *Rambô* (leia-se Rimbaud), juntamente com Myra são os actores principais deste universo inóspito, de uma crueza e de uma violência intrínsecas, retrato de um mundo demasiado próximo de cada um de nós para poder ser ignorado.